

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO: ESTUDO COMPARATIVO DO POSICIONAMENTO E PERSPECTIVAS DOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Jacqueline Echeverría Barrancos (UEPB) unijacqueline@gmail.com¹

Danuzza Rodrigues Cordeiro Mariano(UEPB) danuzamariano@hotmail.com²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar comparativamente os cursos de Arquivologia no Brasil e América Latina, verificando aspectos da formação profissional, bem como do mercado de trabalho. Considerando esses aspectos, o trabalho tem como objeto de pesquisa, o posicionamento dos cursos de Arquivologia quanto a formação profissional e o mercado de trabalho. A metodologia adotou uma combinação de métodos exploratório-descritivo. Os resultados da pesquisa mostraram que a formação profissional no Brasil e em países latino-americanos, são típicas da cultura educacional de cada universidade. No contexto percebeu-se que não existe um departamento próprio e que os cursos estão vinculados a outros centros departamentais, além do corpo docente apresentar formações e titulações em História e Ciência da Informação. Quanto ao mercado de trabalho percebe-se uma falta desses profissionais principalmente no Brasil.

Palavras chave: Curso de Arquivologia; Formação Profissional; Estudo Comparativo, Brasil e América Latina.

Abstract

The present work has as objective main to analyze comparativly the courses of Arquivologia in Brazil and Latin America, being verified aspects of the professional formation, as well as of the work market. Considering these aspects, the work has as research object, the positioning of the courses of Arquivologia how much the professional formation and the market of work. The methodology adopted a combination of methods exploratório-description. The results of the research had shown that the professional formation in Brazil and Latin American countries, is typical of the educational culture of each university. In the context one perceived that a proper department does not exist and that the courses are tied with other departmental centers, beyond

the faculty to present formations and titulações in History and Science of the Information. How much to the work market a lack of these professionals mainly in Brazil is perceived.

Words key: Course of Arquivologia; Professional formation; Comparative study, Brazil and Latin America.

¹ Professora Doutora em Administração e Coordenadora do Curso de Arquivologia da UEPB

² Aluna do 5º Período do Curso de Arquivologia da UEPB e aluna bolsista do CNPq

1 Introdução

Os principais objetivos do trabalho referem-se a um estudo comparativo do posicionamento e perspectivas do curso de Arquivologia no Brasil e na América Latina abordando, nesse contexto, a formação profissional e o seu impacto no mercado de trabalho.

Investir numa reflexão em torno do contexto que marca a introdução da Arquivologia, enquanto graduação no Brasil, é de fundamental importância para entendermos algumas questões consideradas negativas nessa área do conhecimento, bem como a evolução, ou seja, o surgimento de pontos positivos na formação do profissional arquivista.

Com efeito, buscando perceber a formação na área de Arquivologia, a partir de uma análise comparativa dos cursos no Brasil e em alguns países da América Latina, bem como da percepção da questão do mercado de trabalho, propomo-nos definir o perfil das universidades brasileiras que oferecem o curso de graduação, buscando estudar a formatação dos cursos, ano de criação e breve histórico, analisando a estrutura curricular, o corpo docente em nível de titulação, a vinculação departamental, além das tendências e transformações no campo arquivístico de alguns países latino-americanos e das perspectivas dos egressos em relação ao mercado de trabalho, ou seja, identificar a adequação dos diferentes tipos de formação universitária em Arquivologia, frente à realidade das oportunidades profissionais dos formados.

Para falarmos sobre a formação profissional é necessário refletirmos acerca da trajetória e perspectivas do ensino de Arquivologia no Brasil e América Latina. Dessa forma, o ano de 1970 foi o marco inicial da introdução do saber arquivístico na universidade brasileira. Essa data marca também a configuração da própria Arquivologia no país e traça alguns fatores que definiram e definem ainda hoje a as questões arquivísticas no Brasil, como a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), em 20 de outubro de 1971 (Bottino *apud* Rodrigues, 2006, p. 28), que foi o primeiro passo dado numa estrada insipiente e em direção à construção de um saber arquivístico cada vez mais consolidado.

No plano internacional, a formação de arquivistas é marcada por uma diversificação oriunda das próprias tradições arquivísticas enaltecidas pela questão do posicionamento geográfico de alguns países, apesar da busca da Unesco e do Conselho Internacional de Arquivos (CIA), desde a década de 70, por um determinado modelo de formação padronizado e eficiente para todos os países.

Considerando a fundamental importância de buscar uma resposta ao objeto de estudo

desta pesquisa, bem como colocar as devidas reflexões oferecidas aos objetivos da mesma, o estudo é relevante para a comunidade acadêmica, visto que a Arquivologia, como qualquer outra área do conhecimento científico não é homogênea e, dessa forma, torna-se imprescindível delinear o perfil desse profissional dentro das especificidades do cenário contemporâneo.

2 Fundamentação teórica

Para se fazer uma análise do contexto da formação do arquivista no Brasil, é de fundamental importância conhecer o contexto do profissional em outros países como, a título de comparação, por exemplo, alguns países do continente Latino-Americano. A esse respeito, Jardim (1999) afirma que existem modelos vigentes de formação de arquivistas, que estão em constante transformação, em virtude dos novos paradigmas da gestão informacional cada vez mais presente na chamada sociedade da informação. (TOFFLER, 2003).

A arquivística surgiu como disciplina no século XIX, a partir do amadurecimento do saber arquivístico, das reflexões sobre a teoria na área e, sobretudo, surgiu após a Revolução Francesa com o surgimento dos *Archives Nationales*. Dessa forma, no quesito ensino superior, a Arquivologia foi introduzida nas universidades do Brasil na década de 1970 com a criação da AAB em 1971. Antes disso, em 1960, foi criado o Curso Permanente de Arquivos do Arquivo Nacional, que funcionava como uma espécie de capacitação para àqueles funcionários que trabalhavam em arquivos, mas não tinham o conhecimento técnico fornecido por uma instituição. Realizavam seus trabalhos através do saber arquivístico (*savoir faire*) adquirido e, de acordo com as experiências bem sucedidas ou não, desenvolviam manuais técnicos que serviriam para auxiliar outros funcionários de arquivos.

Em 1972 o Conselho Federal de Educação (CFE) autoriza a criação dos cursos de Arquivologia em nível superior. Mais tarde, em 1973, o Curso Permanente de Arquivos passa a ser reconhecido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e em 1974 é aprovado o currículo mínimo do curso de graduação (JARDIM, 1999). As disciplinas contidas no currículo mínimo são: Introdução ao Estudo da História; Noções de Contabilidade ;Arquivo I-IV; Documentação; Introdução à Administração; História Administrativa, Econômica e Social do Brasil; Paleografia e Diplomática ;Introdução a Comunicação ; Notariado Uma língua estrangeira moderna

A década de 1970 abriu portas para a instalação e efetivação da Arquivologia no

Brasil, e os fatores que marcaram essa conquista, segundo Fonseca (1999), foram:

- A realização dos Congressos Brasileiros de Arquivologia que passaram a ser freqüentes; - A publicação do primeiro periódico brasileiro especializado na área, a revista; *Arquivo & Administração*, que publicou regularmente até o ano de 1986; - A criação dos cursos de graduação em Arquivologia, com o voto de aprovação da Câmara de Ensino Superior para a criação da graduação em 24 de janeiro de 1972; - A regulamentação das profissões, em julho de 1978, de acordo com a promulgação da Lei Nº. 6.546, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e Técnico de Arquivo;³ - A criação do Sistema Nacional de Arquivos (SNA), em 1978.

Corroborando com estas informações destaca-se também a criação da Associação de Arquivistas Brasileiros (AAB); a consolidação do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ); a participação de arquivistas brasileiros no Congresso Internacional de Arquivos; além da ocupação de cargos importantes, também por arquivistas do Brasil, na Associação Latino-Americana de Arquivos (ALA).

Dessa forma, os anos de 1980 foram de afirmação para a Arquivologia, enquanto saber acadêmico no Brasil, e atingimos os anos 1990 com a aprovação da Lei N.º 8.159, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, sancionada em 8 de janeiro de 1991. Ainda na década de 1980 o Arquivo Nacional, formando parceria com os Arquivos Estaduais e Municipais, desenvolveu uma série de cursos de Arquivologia com o objetivo de capacitar e/ou aperfeiçoar os funcionários de arquivos públicos.

3 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se predominantemente como sendo uma pesquisa exploratório-descritiva. A metodologia adotada para dar início aos trabalhos foi o levantamento das obras de referência relacionadas ao tema e a conseqüente revisão da literatura.

A pesquisa sobre o posicionamento dos cursos de Arquivologia existentes no Brasil foi realizada inicialmente através da internet, ou seja, da leitura dos sites das referidas universidades, com a coleta de dados partindo dos dados gerais para os específicos. Foram

³ A Lei N.º 6546 é de 04 de abril de 1978, com Decreto N.º. 82. 590 de 06 de novembro de 1972, contendo 12 incisos.

coletadas informações relativas ao histórico de criação dos cursos; grade curricular; duração; turnos oferecidos, localização geográfica com endereço, telefone, site e e-mail; número de vagas, entre outras.

No tocante a formação profissional, os dados coletados são referentes ao perfil do quadro de professores, ou seja, trata-se de um levantamento da formação profissional desses docentes; e uma breve análise no currículo a título de verificar especializações na área.

Em uma segunda fase da pesquisa, as atenções se voltaram para o mercado de trabalho. Para tanto, foi elaborado um questionário estruturado e fechado, e aplicado aos coordenadores dos cursos de cada uma das 10 universidades do Brasil e de alguns países da América Latina, que oferecem o curso de Arquivologia. Este questionário visa analisar os seguintes tópicos: data de criação do curso; turmas formadas até o ano de 2007; nome, formação e titulação do coordenador; sobre o número de docentes que compõem o quadro de professores e suas titulações; se é ou não oferecido pós-graduação na universidade em questão; além de pontos envolvendo o mercado de trabalho nos quesitos de saber se existe um acompanhamento ou monitoramento sobre a atuação na área de Arquivologia; bem como a questão da absorção pelo setor público ou privado e a média salarial.

O método adotado é o exploratório, que analisa problemas complexos, principalmente quando as informações prévias sobre o problema em questão são realmente escassas. (MALHOTRA, 2001; SELLITIZ, 1976; ROESCH, 1999.) A estratégia descritiva procura descrever fenômenos ou estabelecer relações entre as variáveis. (DENCKER, 1998; MCDANIEL e GATES, 2003).

Com relação à análise comparativa a pesquisa foi realizada de acordo com o aspecto quantitativo que consiste num mapeamento das universidades brasileiras que oferecem o curso de Arquivologia, além da citação de alguns cursos localizados em países latino-americanos e da respectiva inserção destes profissionais no mercado de trabalho.

4 Resultados

Na tentativa de dar início ao processo, e cumprir com os objetivos propostos pela pesquisa, No Brasil, os cursos de Arquivologia, quanto ao aspecto da localização geográfica, encontram-se de frente para o mar. Portanto, o interior do país bem como a região norte ainda se encontra desprovidos das teorias e práticas arquivísticas, transmitidas em nível de graduação. Com relação ao Brasil, algumas particularidades são facilmente reveladas quando analisamos os dados, no que diz respeito à vinculação departamental do curso, a estrutura

curricular, a formação profissional dos docentes, duração do curso, entre outras. Ver Quadro 1 abaixo:

BRASIL	ANO DE CRIAÇÃO DO CURSO	DURAÇÃO MÍNIMA MÁXIMA	TURNO	VINCULAÇÃO DEPARTAMENTAL
UNIRIO	1977	4 anos/ 6 anos	Noturno	Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos (DEPA)
UFSM	1977	3 anos/ 5 anos	Diurno	Departamento de Documentação
UFF	1978	3,5 anos/ 8 anos		Não possui vinculação departamental# Na estrutura da UFF cursos são entidades autônomas, representadas pelas Coordenações de C. Não estão vinculados ou subordinados a Departamentos de Ensino. No caso do c de Arquivologia, o departamento que of o maior número de disciplinas obrigatór o de Ciência da Informação (cerca de 50 os demais 50% são oferecidos pelos departamentos de História, Administração, Direito, Línguas, entre outros. (MARQUES, 2007, p. 103).#
UNB	1991	3 anos/ 5 anos	Noturno	Departamento de Ciência da Informação e Documentação
UFBA	1997	3 anos/ 5 anos	Diurno/ Noturno	Não possui vínculo departamental# Atualmente está vinc ao Instituto de Ciência da Informação (I antiga EBD, mas não está subordinado a qualquer departamento, embora tanto o Departamento de Documentação e Informação (DDI) como o de Fundamen Processos Informacionais (DFPI) atenda curso de Arquivologia, e ao de Biblioteconomia e à pós-graduação em Ciência da Informação. (MARQUES, 2007, p. 110).#
UEL	1998	4 anos / 8 anos	Noturno	Depto de Ciência da Informação / Depto de História
UFRGS	2000	4 anos	Noturno	Não possui vínculo departamental
UFES	2000	3,5anos/ 6 anos	Noturno	Departamento de Ciência da Informação
UNESP	2003	4 anos	Diurno	Departamento de Ciência da Informação
UEPB	2006	4 anos	Diurno/ noturno	Não possui vínculo departamental

QUADRO 1 Vinculação Departamental, ano de criação e duração dos Cursos de Arquivologia

Foi possível constataremos uma variação enorme de departamentos que acolhem o curso, inclusive oscilando entre a área das ciências humanas e das ciências sociais. Isso é explicado pelo fato de não haver um departamento próprio e específico para as graduações, sendo assim, esse fato só poderá ser melhor explicado a partir da análise dos documentos de criação desses cursos.

4.1 Breve histórico dos cursos de arquivologia no Brasil

Contextualizando, percebemos a importância de relatar um breve histórico dos 10 cursos pesquisados no Brasil, onde temos em ordem de cronológica: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) criado em 1977, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) também de 1977, Universidade Federal Fluminense (UFF) 1978, Universidade de Brasília (UNB) 1991, Universidade Federal da Bahia (UFBA) 1997, Universidade Estadual de Londrina (UEL) 1998, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) 2000, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) 2000, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Freire” (UNESP) campus Marília – 2003 e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus V, este, sendo o último curso a ser criado no ano de 2006.

4.2 Corpo docente

A titulação do corpo docente é tão importante quanto o próprio curso. Durante toda a coleta de dados percebemos que os profissionais que atuam no ensino de Arquivologia não possuem mestrado nem doutorado na área, inclusive pelo fato de não serem oferecido no Brasil. Os profissionais geralmente fazem sua pós-graduação em Ciência da Informação, que é a área temática que mais se aproxima da teoria arquivística. É importante ressaltar a quase inexistência de docentes com graduação em Arquivologia. O quadro abaixo assinala essa informação:

UNIVERSIDADE	Nº DE DOCENTES	GRAD. EM ARQUIVOLOGIA
UNIRIO	-	-
UFSM	11	0
UFF	15	0
UNB	14	0
UFBA	14	-
UEL	31	3
UFRGS	-	-
UFES	-	-
UNESP	16	-
UEPB	17	1

QUADRO 2 – Corpo docente (Brasil)

Fonte: pesquisa direta 2008

A pesquisa mostrou ainda que nos últimos anos a procura pela qualificação com a obtenção de títulos de mestre e doutor aumentou significativamente, considerando as barreiras existentes como, por exemplo, a oferta limitada de vagas, a concentração geográfica de cursos de pós-graduação, o número cada vez mais restrito de bolsas de estudo e o fato das especializações serem pagas. São fatores que ajudam a explicar a carência de pós-graduados no ensino de Arquivologia.

Quanto ao quadro de professores que atuam nos cursos de Arquivologia no Brasil, verificamos que sua grande maioria não possui graduação na área de Arquivologia e sim, especializações, mestrado e doutorado. Percebemos a existência das seguintes formações/titulações:

GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
Administração	Administração	Arqueologia
Arquivologia	Biblioteconomia	Biblioteconomia
Biblioteconomia	Comunicação	Ciência da Comunicação
Ciências Estatísticas	Comunicação / Informação	Ciência da Informação

Ciência da Computação / Processamento de Dados	Ciência da Informação	Ciências Sociais
Ciências Sociais	Educação	Documentação
Comunicação / Jornalismo	Engenharia de Produção	Educação
Direito	História	História
História	Informática / C. da Computação / Processamento de Dados Memória Social e Documento	
	Multimeios	
	Tecnologia da Informação	

QUADRO 3 Formação e titulação dos professores de Arquivologia

Fonte: pesquisa direta 2008

5 Grade Curricular

No tocante as disciplinas, a pesquisa apontou que as aprovadas para o currículo mínimo do primeiro curso, que inspirou os demais currículos das graduações que foram sendo criadas, são: Introdução ao Estudo da História, Introdução ao Estudo do Direito, Introdução a Administração, Noções de Contabilidade (Estatística), Arquivo I-IV, Documentação, História Administrativa, Econômica e Social do Brasil, Paleografia, Diplomática, Introdução a Comunicação, Notariado e uma língua estrangeira moderna.

As grades curriculares adquiridas estão dispostas em anexo, e uma breve análise nos mostra que as disciplinas ainda estão muito presas às grades do passado, ou seja, aos currículos mínimos. Existe uma discussão em torno das diretrizes curriculares para os cursos de graduação que já vem a algum tempo analisando a idéia de tornar o currículo mais autônomo, delegando a cada universidade o poder de traçar o seu perfil particular na grade curricular dos cursos de Arquivologia.

No caso da UFF, por exemplo, verificamos, através da oferta de disciplinas, que a idéia de uma arquivologia pautada na custódia documental, está sendo substituída por um estudo

cada vez mais informacional do arquivo. Mesmo já tendo passado por modificações no currículo pleno, a UNIRIO e UFSM ainda conservam, desde 1974, ano de criação, o currículo mínimo que é a base das disciplinas oferecidas pelos cursos de cada universidade.

Percebemos que a resposta aos desafios impostos aos arquivistas pela sociedade da informação, requer uma formação renovada e atualizada. Essa formação é inexistente no Brasil e só ocorrerá efetivamente a partir das mudanças nas grades curriculares, mudanças essas que deverão contemplar novidades tecnológicas aplicadas à teoria arquivística, isto é, a formação profissional deve conter elementos que dêem suporte para o arquivista trabalhar com a tecnologia da informação, e superar práticas saturadas, afinal, a sociedade atua cada vez mais com documentos produzidos, armazenados e recuperados em formato digital. Só a mudança no modelo padrão de formação do profissional poderá levá-lo a construção de um perfil inovador e que se encaixe nas exigências do mercado de trabalho.

6 Formação em arquivologia na américa latina

Em termos de América Latina, verificamos alguns cursos de Arquivologia quanto ao aspecto geográfico, localizados nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Alguns países como o Equador possuem especialização na área e graduação em Arquivologia que é realizada juntamente com a graduação em Biblioteconomia, recebendo o graduado, o título em *Bibliotecário Archivista* com habilitação em bacharelado e/ou licenciatura. Na Nicarágua existe a graduação em Gestão da Informação, que funciona como uma espécie de mistura dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Tecnologia da Informação.

7 Breve histórico do curso de arquivologia na américa latina

Com relação à América Latina, a literatura referente ao ensino universitário na área de Arquivologia ainda é bastante sucinta. No entanto, existe uma tradição latino-americana, que explica a inserção da Arquivologia em territórios de além-mar, e coloca o surgimento do primeiro curso universitário criado em 1945, através da *Escuela Nacional de Biblioteconomía*

y *Archivonomía* (ENBA), no México. Antes de ser regulamentado na ENBA, o curso funcionou como Centro de Capacitação para Arquivistas. Nesse país, o programa do curso de Licenciatura em Arquivologia está organizado em 9 semestres, divididos em dois ciclos: o primeiro ciclo permite que o aluno regularmente matriculado obtenha no 5º semestre o título de *Profesional Asociado en Archivonomía*, que equivale ao título de Bacharelado aqui no Brasil. Esse diploma permite o ingresso do aluno no mercado de trabalho antes de concluir a graduação, ou seja, mais cedo, e com o devido o curso de Arquivologia (*Archivología*), desde o ano de 1983, com duração de 3 anos, ou seja, 6 semestres. Terminado o 1º ano, o aluno reconhecimento profissional. Ao terminar os quatro semestres restantes, ou seja, ao concluir o curso, o aluno recebe o diploma de *Licenciado em Archivonomía*. O curso foi criado por Decreto Supremo Nº. 008-92-JUS, de acordo com o Regulamento Nº. 25323, do Sistema Nacional de Arquivos.

O profissional *Asociado en Archivonomía* está capacitado para organizar e difundir a informação solicitada pela sociedade nos âmbitos civis, econômicos, políticos, científicos tecnológicos e culturais. E o módulo de Licenciatura capacita o profissional para o ensino na área de Arquivologia. Os requisitos acadêmicos de ingresso são os mesmos utilizados no Brasil, isto é, ter concluído o ensino médio e ser aprovado em um exame de conhecimentos, que no caso brasileiro é chamado de vestibular. Existem duas modalidades: o curso presencial e o curso a distancia.

Em alguns países latino-americanos a formação do arquivista é de responsabilidade de dois setores: dos centros de formação superior e das universidades. Em ambos, a graduação é oferecida através de disciplinas obrigatórias e uma carga horária mínima de estudos.

Na Argentina encontramos o curso de Arquivologia em quatro universidades, onde três oferecem o curso de graduação tradicional e uma oferece o curso de Ciência da Informação.

8 Mercado de trabalho (Brasil e América Latina)

Com relação ao mercado de trabalho, percebemos que há uma grande demanda de vagas a serem preenchidas por arquivistas tanto no Brasil quanto na América Latina. No caso do Brasil, a profissão é relativamente nova e isso abre um leque de possibilidades de empregos futuros para os estudantes dessa área, tanto na esfera pública quanto na particular, sobretudo

com um número maior de possibilidades de estágios e empregos nas instituições administrativas públicas que existem em grande quantidade em todo país. Esse fator é explicado principalmente pelo grande número de instituições que produzem e acumulam documentos, principalmente em suporte de papel, afinal, apesar do avanço da tecnologia, muitas organizações ainda trabalham com o principal suporte da informação, o papel, além do profissional ser frequentemente identificado e reconhecido como de fundamental importância para o sucesso da administração. O arquivista passa a ampliar sua área de atuação e deixa de trabalhar puramente nos arquivos, para exercer um papel importante, ao lado do administrador, em relação as informações que vão auxiliar na tomada de decisões da empresa.

O arquivista, ao lidar com a informação, que é um campo presente em todas as áreas do saber, tem a possibilidade de trabalhar em diversas esferas de atuação, como por exemplo, em empresas públicas e privadas, arquivos públicos e particulares, universidades, centros de documentação e informação, centros de pesquisas, museus, bancos de dados, além de prestar serviços de consultoria arquivística. Em sua atuação, o arquivista tem o papel de gerir documentos, nos mais diversos tipos de suporte, desde sua produção até a eliminação ou guarda permanente, com a finalidade de preservar, entre outros aspectos, a memória da instituição ou sociedade em questão.

Os portais da web de algumas universidades do Brasil, como da UNIRIO, por exemplo, relatam a atuação profissional arquivista no mercado de trabalho como sendo positiva, principalmente com relação à ampla oferta de vagas. Mencionam inclusive, como no caso do portal da UFSM, que a sociedade é movida pela informação e que no caso da informação administrativa governamental, o tratamento dado a esse tipo de informação vem se tornando sinônimo de eficiência dessas instituições. Dessa forma, o site da UNB afirma que a Arquivologia conta com um mercado em expansão e isso pode ser verificado ao observarmos o crescente e constante número de vagas nos concursos públicos. Assim, é notória a inserção do estudante no mercado de trabalho, ainda na graduação, através dos estágios que são extensamente oferecidos na área.

Entretanto, a falta de dados estatísticos disponíveis sobre a quantidade de alunos que ingressam e concluem o curso a cada ano dificulta uma análise do número de arquivistas no mercado de trabalho. Não há dados sobre o número de egressos que efetivamente estão trabalhando, entretanto, constatamos através do questionário aplicado aos coordenadores dos cursos da UNB e da UNESP, que há um enorme fluxo de arquivistas empregados nos mais variados setores com uma média salarial variando entre 1.500 e 3.000 reais. No Caso da UFBA o salário gira em torno de 1.800 reais.:

UNIVERSIDADE	Nº DE FORMADOS ATÉ 2007	MÉDIA SALARIAL DO PROFISSIONAL NESTA REGIÃO
UNB	7 turmas	3.000,00
UNESP	1 turma	1.500,00
UFBA	7 turmas	1.800,00

QUADRO 4 – Número de formados e média salarial até o ano de 2007⁴

Um problema que detectamos na pesquisa no tocante ao mercado de trabalho é a falta de visibilidade do curso na esfera social. Existe uma cultura, principalmente por parte dos que desconhecem as habilidades do profissional arquivista, que aponta esse profissional como sendo de uma área ultrapassada, obsoleta e que este realiza um trabalho estritamente técnico, portanto, desvalorizado na sociedade moderna e tecnológica. Atribuímos esse problema a própria formação do arquivista que ainda é uma formação mais tradicional, voltada para os arquivos públicos, que prima pelo suporte e que ainda não incorporou efetivamente a tecnologia à gestão de documentos.

9 Discussão

Através dos resultados analisados, surgem os seguintes questionamentos: quais as razões das diferenças encontradas nos 10 cursos de Arquivologia estudados no Brasil? Porque não se encontrou um departamento próprio para o curso levando-se em consideração os 30 anos de atuação da arquivística no ensino superior? A estrutura educacional de cada universidade, bem como de cada país da América Latina, torna-se, neste sentido, um fator explicativo para tais particularidades. Essas particularidades variam, principalmente de acordo com o grau de reconhecimento social do curso, as condições econômicas vigentes, a motivação e satisfação do aluno, entre outros, que irão refletir diretamente na inserção desse profissional no mercado de trabalho.

⁴ Em nível de América Latina a Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colômbia enviou resposta do seu questionário com os seguintes dados: 10 alunos formados em 2007 e média salarial de COP\$1800000 na Colômbia.

Existe uma proposta da UNESCO, citada por Jardim (1999) em seu texto intitulado *A Universidade e o Ensino de Arquivologia no Brasil*, que pretende harmonizar a formação profissional do estudante de Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. A UNESCO percebe as diferenças entre essas três áreas do conhecimento, mas, afirma que, se respeitando as particularidades de cada uma, é possível realizar uma harmonização propondo um tronco informacional comum entre as três graduações, levando-se em conta as disciplinas em comum estudadas dentro destes três cursos.

A universidade tem uma função base a ser desempenhada quanto à disseminação e reconhecimento da Arquivologia junto à sociedade. Pesquisas, cursos e principalmente uma formação profissional de qualidade além do incentivo à docência (com a criação de cursos de Licenciatura na área), poderiam colaborar com esse processo.

10 Considerações finais

Aa pesquisa aponta para formação de um perfil da arquivística enquanto ciência, especificamente em relação à formação profissional, que passou e ainda passa por transformações e mudanças, realizadas por processos de desenvolvimento e substituição de idéias antigas por idéias mais atuais.

Dessa forma, percebemos, através da análise de algumas grades curriculares dos cursos, uma integração quanto ao número de disciplinas oferecidas, com muitas disciplinas semelhantes, que ocorrem em todos os cursos, formando uma espécie de base comum para todos os cursos espalhados nas 10 universidades estudadas. Verificamos também que o hábito de se pesquisar sobre arquivística surgiu com a implantação dos cursos de graduação nas Instituições de Ensino Superior (IEs).

Com relação ao número de vagas disponíveis, aos turnos oferecidos, a duração mínima e máxima do curso, a questão da existência de laboratório ou não na área e, em consequência disso, as mudanças ocorridas no curso ao longo do tempo, verificamos uma diversidade considerada comum em se tratando de um curso relativamente novo e que tem muito a ser estudado e desenvolvido.

Essas variáveis também são observadas na questão do mercado de trabalho, visto que, as diferenças no perfil do profissional arquivista são refletidas diretamente no campo de atuação profissional que este arquivista passa a trabalhar. Por exemplo, percebe-se que depois de formado, arquivista é logo absorvido pelo mercado de trabalho, principalmente em instituições públicas, e que poucos são os graduados que se encaminham a realizar uma pós-

graduação para atuarem no campo da docência. Acredita-se que para realizar mudanças em sintonia com a realidade e considerar o futuro em qualquer campo, tem que conhecer amplamente a fonte de trabalho. Hoje em dia todos os profissionais em cargos de decisão, estão conscientes da importância da informação, inclusive alguns teóricos da Administração, Direito de e outras ciências. Entretanto, poucos consideram os profissionais de Arquivologia como pessoas capazes de resolver pelo menos uma parte dos problemas relacionados com a informação.

No entanto, este é um campo muito rico e relativamente inexplorado, portanto, ainda existem pontos a ser melhor analisados. Por sua vez, os pontos que já foram averiguados apontam para as seguintes questões da pesquisa: quais as razões das diferenças encontradas nos cursos 10 cursos de Arquivologia estudados no Brasil? Porque não se encontrou um departamento próprio para o curso levando-se em consideração os 30 anos de atuação da arquivística no ensino superior?

São reflexões que necessitam ser abordadas na seqüência da pesquisa, e que procuraremos, a partir das respostas das entrevistas que ainda faltamos receber, bem como da análise de mais dados, responder dentro das particularidades observadas na formação profissional do arquivista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Sodré. **Tecnologia, memória e a formação do profissional arquivista**. Rio de Janeiro, v.2, n. 1 p. 149-159, jan/jun. 2006. Disponível em <http://www.arquivista.net> Acesso em: 16 jan. 2008.

BRITTO, Maria Tereza Navarro de. Cartografia do ensino universitário de arquivologia nas Américas. In: JARDIM, José Maria, FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.

ESPOSEL, José Pedro. **Arquivos**: uma questão de ordem. Rio de Janeiro: Muiriquitã, 1990.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

JARDIM, José Maria, FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.

JARDIM, José Maria. **Sistema e Políticas Públicas de Arquivos no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1995.

_____. Entrevista por **Julio César Cardoso**, Rio de Janeiro, jan. 2006. Disponível em: <http://www.arquivista.net> Acesso em: 20 dez. 2007.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivista como disciplina no Brasil**. 298 fl. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Faculdade de economia, administração, contabilidade e de Ciência da informação da Universidade de Brasília, 27 fev. 2007.

NAVARRO, Aílda Mendonza. **Quien es Archivero en el Peru?** Biblios: Revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología. ISSN 1562-4730, Nº. 5, 2000. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=283298> Acesso em: 06 ago. 2008.

RODRIGUES, Georgete Medleg. **A formação do Arquivista Contemporâneo numa perspectiva histórica**: impasses e desafios atuais. Revista Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul/dez 2006.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SILVA, Armando B. Malheiro da. **A gestão da informação arquivística e suas repercussões na produção do conhecimento científico**. Disponível em: www.arquivonacional.gov.br/download/malheiros.rtf. Acesso em: 17 out. 2007.

TOFFLER, Alvin. **Powershift**: as mudanças do poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.